

ESTE LIVRO NÃO PODE
SAIR DA BIBLIOTECA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CURSO LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

MEMÓRIAS DO CANGAÇO: Visões desse
Movimento no Município de Uiraúna

FRANCISCA FERNANDES DA SILVEIRA NETA

CAJAZEIRAS

1994

MEMÓRIAS DO CANGAÇO: Visões desse
Movimento no Município de Uiraúna

FRANCISCA FERNANDES DA SILVEIRA NETA

MEMÓRIAS DO CANGAÇO: Visões desse
Movimento no Município de Uiraúna

Monografia exigida pela disciplina Prática de Ensino ministrada pela professora Maria de Fátima Holanda Leite Maia, para conclusão do curso Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal da Paraíba - Campus V- Cajazeiras, no período 93.2

CAJAZEIRAS

1994

AGRADECIMENTOS

A Deus: Obrigado Senhor, por ter me dado a vida, raciocínio e humildade, para chegar a esse momento de felicidade e êxito, sabendo que a vida é uma escola terrena, há nela uma lição, estudo e conservo a grandeza do teu amor, no real sentido do meu existir.

Aos meus pais, por terem acreditado em mim.

A minha orientadora Silvana, pela consideração, respeito, incentivo e crença no trabalho que dispus a fazer.

A minha irmã Lindalva, que sempre esteve disponível para colaborar nas pesquisas e organização das idéias.

A todos que de uma forma ou de outra contribuíram para a concretização desse trabalho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1. <u>CONTEXTO HISTÓRICO DO MOVIMENTO DO CANGAÇO</u>	6
1.1 <u>Definindo o Cangaço</u>	8
2. <u>UIRAÚNA NO ROTEIRO DE LAMPIÃO</u>	10

CONCLUSÃO

ANEXOS

BIBLIOGRAFIA

GLOSSÁRIO

INTRODUÇÃO

Buscando dá ênfase aos pré-requisitos carecidos pela validade desta monografia programamos os dados obtidos na montagem do mesmo, de forma clara e harmoniosa, afim de atender a exigência da disciplina de Prática de Ensino, intrínseca na conclusão do Curso de Licenciatura Plena em História do Campus V - UFPB.

A escolha do tema deveu-se a nossa curiosidade de resgatar o aspecto histórico do município de Uiraúna que, até então, se fazia ausente das reflexões históricas. A partir daí nos preocupamos e nos interessamos em abordar de que forma e através de quais situações o Cangaco esteve nesse município, algum tipo de repercursão ou mesmo manifestação. Nesse sentido, não vamos estudar o Cangaco de modo geral, mas especificamente alguns aspectos deste, que teve como cenário o município de Uiraúna¹. Objetivamos assim, que o mesmo preencha algumas lacunas existentes nos registros históricos e, ao mesmo tempo, possibilite sabermos de que forma ficou registrado na memórias das pessoas da época a passagem do "bando" de Lampião neste município.

Nosso trabalho se ocupará das seguintes formulações: Num primeiro momento, apontaremos questões de ordem mais geral, colocados sobre o movimento do Cangaco, tendo em vista, a bibliografia consultada. Aqui, nossa preocupação, será de situar o movimento nas condi-

¹ Uiraúna, atingamente com o nome de Belém, foi emancipada e tornando-se município no ano de 1953.

ções históricas do Nordeste, nos fins do século XIX e início do século XX. Num segundo momento, nossa preocupação se destinará a investigar de que forma e em função de que, o município de Uiraúna foi incluído na rota de ação desse movimento. Aqui, trabalharemos os fatos na perspectiva histórica e reflexiva apresentada pela história oral. Neste estudo buscaremos entender e registrar visões do Cangaço encontrada na memória das pessoas da época.

1. CONTEXTO HISTÓRICO DO MOVIMENTO DO CANGAÇO

Os sertões nordestinos, desde a época colonial, foram cenários de movimentos e revoltas diversas. E dentro dessas manifestações sociais, buscamos compreender e analisar historicamente a partir de um estudo de meros fragmentos do denominado movimento do Cangaço. Para tanto, lançaremos mão, para compreensão do fenômeno, como um todo de representações do mesmo encontradas na bibliografia consultada¹. As primeiras representações literárias do fenômeno do cangaço tendem a expressar sobre o mesmo, significados que se definem como julgamentos contaminados de valores e interesses ideológicos diversos.

Na história do Cangaço se faz necessário a contextualização vista ao entendimento das condições sociais do Nordeste no período de sua atuação.

No contexto geral, o Cangaço é um movimento rural ocorrido nos fins do século XIX e primeiras décadas do século XX. Movimento, ocorrido justamente pelas dificuldades existentes na época. O Nordeste estava passando por uma crise econômica, política e social. Depois de ser explorado para atender as necessidades e interesses da metrópole (Portugal) é abandonado. Não interessando a outros investir numa região que não houvesse uma troca econômica. Em virtude disso, os proprietários começaram a investir violentamente contra seus a-

1 Bem como das representações provenientes de informações da memória dos entrevistados.

gregados para seus próprios interesses e obtenção de lucros. Os coronéis estavam acima de todos e em quaisquer julgamentos, o poder era a autoridade maior. O coronel, através da eleição, obrigava os seus subordinados a votarem na pessoa indicada.

Mediante tal contexto sócio-político, o surgimento do Cangaço, é por vezes, a essa situação condicionada como podemos observar nas afirmações de Rui Facó: "Para os proprietários de terra era interessante manter no obscurantismo a população local. Ele quer braços servis e não cabeças que pensam. Ninguém necessita de saber ler e escrever para pegar numa enxada. Era mais que natural, era legítimo, que esses homens sem terras, sem bens, sem direito e sem garantias buscassem uma saída nos grupos de cangaceiros, sonhando a conquista de uma vida melhor. E muitas vezes, lutando por ela a seu modo, de armas na mão"².

Assim também se coloca as explicações desse fenômeno: "Estes proprietários fundamentavam sua denominação no latifúndio e na exploração da mão-de-obra sob relações sociais de produção que iam desde o contrato mediante salários até a escravidão conforme suas conveniências e lucratividades."³

Também parte da linguagem e da necessidade jornalística sobre o Cangaço assim se expressa: "Segundo algumas análises, como por exemplo a publicação do Jornal Leitura, o Cangaço pode ser repensado a partir da seguinte compreensão: "Não podemos pensar que o Cangaço tinha como único palco de ação a área conhecida como Polígono das Secas. É possível sustentar que o cangaceiro tenha ação em todo Brasil, só que tudo dependendo do tipo de Cangaço".

² Rui Facó, Cangaceiros e Fanáticos, 1980

³ Livro Nordeste Insurgente

A partir dos estudos realizados sobre a situação econômica podemos perceber que na época, a aplicação da justiça e o respeito às leis eram precaríssimas. Desta forma, famílias poderosas, levadas pela ignorância e desassistidas numa região seca e longínqua da civilização, faziam justiça com as próprias mãos. O desejo de segurança e a falta de garantias foram os elementos básicos que levaram o homem nordestino a andar armados e a reagir pessoalmente, quando necessário, para resolver questões, geralmente, ligada aos aspectos de honra, de terra e injustiça social entre elementos de famílias tradicionais que se tornavam inimigas rancorosas.

Diante deste contexto, a comunidade é, apenas, o adensamento das populações em condições de igualdade tanto a grande, como a pequena são determinadas por um poder político. São, contudo, os chefes políticos e os grandes senhores de terra que manejam o poder.

Não houve, de início, por parte das autoridades, um combate específico à causa do Cangaço. O sertanejo, escorraçado era socialmente desassistido e não houve tentativa de recuperação do "bandido". Assim, estabeleceu-se o ciclo do Cangaço, que ofereceu à história os mais sérios ajustamentos sociais em uma região nordestina subdesenvolvida e passou a constituir em todas as épocas um assunto inesgotável.

1.1 Definindo o Cangaço

Muitos autores consideram o cangaço como uma forma pura e simples de banditismo e criminalidade. Para outros, o Cangaço é uma forma de banditismo social, isto é, uma forma de revolta contra a opressão da vida nordestina.

Segundo Euclides da Cunha, o Cangaço deve-se atribuir o

fato racial, o meio físico dos sertões em todo vasto território e ao que se chama estigma degenerativo de três raças.

Nina Rodrigues é da mesma opinião e afirma que a criminalidade do mestiço brasileiro está ligado a várias condições antropológicas da mestiçagem no Brasil.

Já Xavier de Oliveira, filho do Cariri, reconhece textualmente que o homem honesto e trabalhador de outrora é bandido de agora, por causa de uma questão de terra. O mesmo afirma que esses homens tinham mais que ser revoltados sem terras, sem nenhuma ocupação e viviam da mais brutal exploração do trabalho. Mas, conclui pedindo ajuda do exército para exterminar o Cangaço.

Para Gustavo Barroso, o Cangaço seria extinto nos sertões com estes remédios: comunicação, transporte, instrução e justiça.

A esse respeito Rui Facó comenta que o cangaceiro e o fanático eram pobres do campo que saíam de uma patia generalizada para as lutas que começavam a adquirir caráter social, lutas, portanto, que deveriam decidir mais cedo ou mais tarde o seu próprio destino. Não era, ainda, uma luta direta pela terra, mas, era uma luta em função da terra, uma luta contra o domínio do latifúndio semi-feudal. Os bandos de cangaceiros que saem dentre aqueles semi-servos vivem despersos, lutam por objetivos isolados e não raros. Enfrentando-se uns aos outros, destroem-se mutuamente. Tornando-se presas de seus próprios inimigos de classe, os grandes proprietários rurais, donos de fazenda de gados ou lavras de minérios.

2. UIRAÚNA NO ROTEIRO DE LAMPIÃO

A perspectiva do estudo de caso sobre a atuação do Cangaço no município de Uiraúna se manifesta a partir da incursão pela história oral e, portanto, pelas representações desse movimento histórico nas memórias dos informantes por nós consultados. Pouco diferente dos registros oficiais sobre o Cangaço, ocorre concensualmente na memória popular a idéia de que o Cangaço tem as suas origens em questões ligadas a natureza, as condições de vida, desassistências do poder e proteção por parte dos envolvidos como sugere as colocações dos entrevistados.

Das variáveis apresentadas pelos relatos colhidos, podemos elaborar um perfil para o "bando" listando as várias abordagens que mostra as visões dos entrevistados sobre Lampião. No que diz respeito a forma de trabalhar as entrevistas resolvemos não reproduzir as falas das pessoas na íntegra, visto que, as entrevistas em anexo constaram no trabalho. Ainda assim selecionamos aspectos mais visíveis das visões e versões sobre o tema mais presente no imaginário dos informantes.

a- Questão de Terra:

Segundo Joel Vieira da Silva, Lampião entrou no Cangaço mediante questões de terras envolvendo a família Nogueira e sua família. Depois do assassinato de seu pai foi em busca da justiça dos homens, não encontrando apoio, torna-se um travestido da lei, passando a fazer justiça com as próprias mãos.

b- Admiração:

Os entrevistados apresentam o Cangaco com uma visão de admiração. Para Joel Vieira da Silva, Lampião era inteligente na formação de uma estratégia ofensiva que quase sempre obtinha sucesso nos seus ataques.

c- Recepção:

O "bando" ao aproximar-se das cidades para atacar, era recepcionado com piquetes por parte dos habitantes. Como relata alguns informantes consultados: Joel Vieira da Silva conta que em sua primeira tentativa, Lampião foi repellido por um piquete, entretanto, resultou na morte de um habitante (Antônio Correia) por uma bala perdida dos próprios habitantes.

Segundo Josefa Augusta Fernandes, ao se aproximar de Belém (Uiraúna) atacou a primeira casa que avistaram de propriedade de João Gabriel, tocando fogo nas plantações. Quando viram o fogo, os habitantes formaram piquetes nos becos da cidade, tendo por ponto central a igreja. Era da torre da igreja que se tinha uma melhor visão da entrada da cidade e dos cangaceiros.

Sinforoza Claudino de Galiza, relata que estava no sítio Caiçara e era o dia de vaquejada, quando o "bando" chegou, abriu as porteiras, soltou o gado, prendeu uma velhinha, amarrou o filho da velha no rabo do cavalo e foi em direção a Uiraúna. No caminho ia tocando fogo no algodão das fazendas. Chegando em Belém (Uiraúna) foram repellidos por piquetes.

Francisca Fernandes da Silveira, informou que, quando Lampião chegou a Uiraúna, atacou a rua da Proá (tocando fogo na casa de João Gabriel). De lá mesmo foram repellidos por um piquete que havia na igreja, saíram diversos feridos. De lá, o "bando" retornou ao Juazeiro.

Nesses relatos, reporta-se a primeira tentativa de ataque no município de Uiraúna de Lampião e do seu "bando", eles vindo do

Juazeiro dirigindo-se a Mossoró chegaram a Uiraúna. Ao se aproximarem da cidade, começaram a fazer diversas crueldades e foram avistados por um vaqueiro nas imediações de São João do Rio do Peixe. Ao observar que o "bando" se dirigia ao pequeno distrito de Belém(Uiraúna), ele veio comunicar o roteiro do "bando", e, a par dessas informações, os habitantes do distrito formaram piquetes na torre da igreja, onde se encontravam Luís Rodrigues, Moisés Lauriano, Joaquim Estevão e Zé Teotônio, e nos becos da cidade(distrito) munidos de armas de fogo e munição para repelir o "bando", o mesmo sentiu-se coagido com a ação dos habitantes e retornam ao Juazeiro do Norte- CE. Entretanto, esta ofensiva resultou em morte, feridos e devastação das fazendas e de uma casa que ficou totalmente estragada. Este foi o resultado da primeira tentativa de ataque de Lampião ao distrito de Belém.

No dia 27 de maio de 1927, os cangaceiros retornaram ao distrito de Belém, todavia, eles contornaram o distrito, indo em direção aos sítios pertencentes ao distrito, especificamente o Canadá. Os entrevistados relatam que no Canadá eles tomaram reféns para pedirem resgate, como a quantia era alta e as pessoas não podiam pagar, soltaram-nos sem o resgate, bateram nos habitantes e mataram uma pessoa, Antônio Virgílio. Sua "visita" ao Canadá durou aproximadamente 3 horas, dali rumaram para o Rio Grande do Norte (Mossoró) com um refém (José Fernandes Sobrinho) para servir de guia. O refém conseguiu fugir do "bando", quando esse atacou uma volante no Rio Grande do Norte (Marcelino Vieira).

d- Coragem:

O relato por parte de alguns entrevistados nos mostra a coragem de alguns habitantes do distrito provindo dos desrespeitos que o "bando" de Lampião tinha junto a eles.

Mesmo com medo, os habitantes apresentaram muita força para defender o distrito, as pessoas e seus bens materiais.

Como relata Sinforoza Claudino de Galiza, o filho se apresenta para defender sua mãe que, maltratada pelos cangaceiros, faz com que ele, tomasse o lugar da mãe e fosse amarrado no rabo de um cavalo.

Segundo Josefa Augusta Fernandes, seu irmão Manoel, enfrentou o "bando", negando armas e dinheiro, e, também, não aceitou ser expulso de sua casa, mesmo sob ameaça de armas. Não aceitando sua recusa, um cangaceiro para mostrar sua valentia, atirou nele e o matou.

e- Medo:

O medo é observado em dois prismas: de um lado, o medo do "bando" em enfrentar os piquetes e do outro, o dos habitantes em se contrapor ao "bando".

Assim, esta variável tem uma dimensão vasta que se apresenta de modo a demonstrar a verdadeira realidade de confronto entre piquete e "bando". Como relata Josefa Augusta Fernandes, que ao saber da chegada do "bando", pegava o que podia e ia para o mato se esconder, até que eles passassem. Isso ocorria com quase todos os habitantes das comunidades por onde ele passava.

Sinforoza Claudino de Galiza, conta que Zéu ao saber da aproximação do "bando" foi se esconder dentro de um poço. Só não chegou a morrer afogado, porque quando perceberam seu ato, seus familiares foram tira-lo.

Francisca Fernandes da Silveira, conta que, a sua família quando ouviu falar de Lampião, que ele estava se aproximando foram se refugiar no Canadá. Numa dessas fugas foram pegos pelo "bando".

Sinforoza Claudino de Galiza, é quem nos relata que, apesar de toda valentia apresentada pelo "bando", quando chegava perto dos piquetes eles baixavam a guarda e retornavam de onde vinham, como foi o caso da primeira tentativa de ataque ao Belém, que apesar de serem em maior número do que os moradores do distrito nos piquetes, estarem armados e serem mais preparados para o combate do que os habitantes do

distrito, eles trocaram apenas alguns tiros, mas não tiveram a coragem de investir contra os piquetes forçando a entrada na cidade.

Portanto, o medo foi um dos elementos que determinava o sucesso ou o fracasso dos ataques, pois quem melhor conseguisse se manter mais forte, melhor se apresentava. A organização dos piquetes, demonstrando vigor para defender o distrito, foi quem fracassou a primeira tentativa de ataque do "bando". É tanto, que na segunda tentativa eles não avançaram pelo distrito e sim o contornaram, indo de encontro aos sítios pertencentes ao distrito, onde não havia uma defesa organizada.

f- Mortes e Feridos:

As constantes lutas entre cangaceiros e volantes (soldados) como também do "bando" com as comunidades, deixavam marcas profundas, resultando em mortes e feridos.

Sua primeira tentativa de ataque em Belém (Uiraúna) deixou como resultado um morto e vários feridos, como relata algumas pessoas por nós entrevistadas. Joel Vieira Da Silva diz que o assassinato de Antônio Correia, foi em vista de uma bala perdida pelos próprios habitantes de Belém, ou seja, ele não foi morto pelo "bando", nesta batalha ficou muitos feridos.

Josefa Augusta Fernandes relata que Antônio Correia levou um tiro de uma bala perdida, ficou baleado, morrendo uns 15 dias depois.

Francisca Fernandes da Silveira conta que o "bando" foi repellido pelo piquete da igreja, deixando muitos ferido e um morto (Antônio Correia).

Na segunda tentativa, deixou um morto (Antônio Virgílio) no sítio Canadá, como relata Francisca Fernandes da Silveira.

g- Violência:

Diante da violência apresentada pelo "bando" de Lampião, bus-

camos resgatar da memória das pessoas consultadas visões dessas violências, como comenta Josefa Augusta Fernandes dizendo que eles batiam, espancavam as pessoas, queimavam propriedades, roubavam jóias e armas, e exigiam dinheiro.

Sinfiroza Claudino de Galiza diz que eles amarravam as pessoas no rabo de cavalo, e saíam puxando-os, queimavam propriedades, espancavam quem encontrassem na sua frente.

h- Esperança:

Mediante relatos, procuramos entender a esperança de algumas pessoas de salvar-se da violência mostrada pelo "bando", visto que, eles não respeitavam as pessoas que encontravam.

Sinfiroza Claudino de Galiza lembra que as pessoas se escondiam na mata, na esperança de não serem vistos pelos cangaceiros, e assim, escaparem ilesos da sua violência.

Josefa Augusta Fernandes comenta que ela e outras pessoas se escondiam por trás da casa e nas montanhas para não serem vistas.

i- Conceito:

O conceito do que seja cangaço, no entendimento popular, difere do dado pela bibliografia. Sobre o assunto, Francisca Fernandes da Silveira define o Cangaço como sendo 60 homens armados a cavalo, atrás de sítios e gente rica para tomar dinheiro, fazendo desordens, matando e espancando.

Para estes relatos colhidos das pessoas que viveram-no, este período da vida do distrito de Belém, hoje Uiraúna, podemos traçar um perfil para o "bando" de Lampião como sendo violento, sangüinário e destemido para fazer desordem, atacando pessoas que encontrassem, não importando a idade. Entretanto, observamos que apesar de toda coragem apresentada pelo "bando", ele agia assim, principalmente com pessoas indefesas e quando encontrava grupos armados (piquetes)

eles retroagiram demonstrando medo, não avançando no seu ataque.

CONCLUSÃO

Finalmente, pode-se concluir que o Cangaço foi uma manifestação de revolta, não organizada em termos políticos dos oprimidos contra os opressores, em virtude das ameaças por parte dos latifundiários. Esses homens iam a luta com armas nas mãos, tornando-se cangaceiros, já que estes não tinham a lei a seu favor. Cançados dos descasos por parte das autoridades competentes e da vida que levavam, iam em busca de soluções. Não podiam mais suportar tanta exploração e ficarem de braços cruzados.

Surtem vários "bandos" de cangaceiros, mas o de maior repercursão aqui no nordeste foi o de Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lampião, que a princípio tornou-se um fora da lei por vingar a morte de seu pai. Sendo perseguido pela justiça, começa a formar um "bando" de cangaceiros, visto por muitos como sanguinário e violento, para outros era um homem inteligente e astucioso que sabia a hora de atacar em determinadas regiões.

Durante vinte anos, Lampião e seu "bando", percorreram todo o nordeste, incluindo no seu roteiro de viagem o distrito de Belém, hoje município de Uiraúna. Apesar do tempo mínimo que esteve aqui causou grandes perdas para a comunidade que a muito tempo vinha se preparando com armas e coragem para combatê-los ao entrarem na cidade. E ao saber de sua passagem nesse município, já que o "bando" ia em direção do Rio Grande do Norte, precisamente para Mossoró, a população refugiou-se e preparou piquetes para es-

perar os cangaceiros. Lampião é repellido na primeira tentativa, e na segunda consegue entrar e ir em direção a sítios e fazendas, maltratando os proprietários e obrigando-os a cumprir o que este determinasse. Depois de sua passagem, ficou registrada na memória das pessoas, vítimas dos atos de crueldade, que o "bando" fazia, assim como também, as perdas de pessoas queridas e dos poucos bens que estes possuíam, sendo destruídos e levados por homens que não mediam a dimensão dos seus atos. Na memória dessas pessoas com quem tivemos contato, pode-se sentir o medo estampado que o "bando" causou a esta população. Não foi apenas a sua presença física, mas também, as visões que estes tinham referente ao "bando", criadas por uma sociedade que impõem determinados conceitos a estes homens.

Segundo as visões apresentadas pelos informantes, após coletar dados sobre este movimento, especificamente sobre Lampião, podemos constatar que o "bando" de Lampião era violento, sanguinário, rude e descarregava seus problemas e frustrações em cima de pessoas inocentes que pagavam um preço muito alto. Algumas vezes com a própria vida devido sua revolta que resultava em ataques abomináveis.

Na historiografia existe duas concepções, uma que condena o Cangaço e o classifica na linha do banditismo, a outra que os absorve incluindo-o na perspectiva dos movimentos sociais fazendo relação com a estrutura econômica-social. Com essa pesquisa não pretendemos esgotar as possibilidades de análise dessa história, outras possibilidades podem a partir desse primeiro trabalho surgir. Outras questões que poderia ser analisadas sobre a relação entre a comunidade uiraunense e o grupo de Lampião podem ser trabalhadas em estudos posteriores ou próprio aprofundamento dessa pesquisa.

A N E X O S

Entrevista concedida no dia 17-01-94

Francisca Fernandes da Silveira, 84 anos, nasceu em Belém (hoje Uiraúna).

“Quando Lampião chegou em Uiraúna atacou a rua da Proá de lá mesmo foi repellido por um piquete que havia na igreja, de lá saíram diversos feridos e um morto. Eles voltaram para o Juazeiro, lá passaram um mês reforçando, até que enfim eles voltaram novamente ao Uiraúna, outra tentativa eles fizeram, chegaram no dia 27 de maio de 1927 e foram para o Canadá, eu estava no Canadá, estávamos refugiados na casa velha, toda vez que tinha um ataque iamos para o sítio, Ursula e a filha, eu e Zé Fernandes, na descida da ladeira para ir para o sítio Sabino e Lampião nos pegaram mandou que chamasse Cirino, chamamos e prenderam Cirino e Ursula, donos do sítio, prenderam todos que estavam no sítio e levaram para dentro da casa, bateram e exigiram as coisas, pegaram violão, queijo de manteiga e foram comer. Depois o cangaceiro disse: a senhora não vai esperar por ninguém, vão embora para Uiraúna, dar a notícia lá, aí saíram eu e Ursula, ela sabia do caminho, fomos pra Uiraúna, não era Uiraúna ainda era Belém, Lampião mandou um bilhete por mim e outro por Ursula, para Silvestre Claudino e Silvestre Fernandes, mas nenhum mandou nada, pediram muito dinheiro (3 contos de réis) voltamos sem nada. Do Canadá eles sequeiraram para o Rio Grande do Norte saíram fazendo desordem, no Canadá ainda morreu Antônio Virgílio, eles levaram Zé Fernandes como refém até Marcelino Vieira - Rn.

Em Marcelino Vieira encontraram com uma volante, e Zé Fernandes fugiu, de lá eles foram para o Mossoró.

Cangaço era 60 homens armados, a cavalo, tudo atrás de sítio e gente rica para tomar dinheiro, fazendo muita desordem matando, dando surra em gente, faziam baile eles mesmo tocavam, passavam a noite e quando amanhecia matavam os bichos para comer. Lampião era muito violento."

Entrevista concedida no dia 18-01-1994

Joel Vieira da Silva, 85 anos, nasceu em Monte Alegre, município do Paraná-RN.

“ Eu lembro que Lampião nasceu em Vila Bela, Pernambuco, é de Serra Talhada pra lá, e o pai dele eu não sei o nome, sei que o de Lampião era Virgulino Ferreira da Silva, e agora tinha Antônio Ferreira da Silva era cangaceiro, o segundo irmão, então eles tinham uns vizinhos chamados Nogueira, eram proprietários, o pai de Lampião tinha uma propriedade muito grande e esses Nogueira tinha outra e numa briga de terras eles se entrigaram, então aí os Nogueira perseguiram ele, o pai dele tinha muito recurso, a profissão dele quando tinha de 15 anos pra lá, era viajar pra Messoró comprar sal e levar pra outros cantos, Recife por aquele mundo lá, vender o sal e trazer rapadura do Cariri. Quando ele completou, o velho resolveu vender essa propriedade e comprar outra em Maceió-AL, que era perto da cidade, os Nogueira resolveram matar o velho lá, foram e mataram, Lampião procurou justiça, era muito inteligente, e não achou apoio, porque o poder sempre foi desmantelado para fazer justiça, chamou o irmão, Antônio, disse vamos fazer justiça com as mãos, não vou deixar um desses Nogueira em canto nenhum, mas ainda deixou um estava em São Paulo, ele não sabia onde era, só escapou esse lá, isso ele começou com 21 anos, virou um homem a matar gente, diz ele que nunca roubou um tostão, era fazendo carta pedindo dinheiro e as pessoas mandando, na frente dele ninguém estrupava ninguém, ele não deixava era muito direito, e tinha muita fé nesse Padre Cícero, ele era ca-

tólico, nunca atacou Juazeiro.

No dia 27 de maio ele chegou aqui, um vaqueiro daqui estava lá no Brejo das Freiras, prá cá um pouco, quando viu um grupo, aí correu até aqui, chegou avisou, com pouco tempo umas duas ou três horas ele chegou aqui, o povo aqui tinha muita arma, gente vinha comprando porque podia haver um ataque dele, porque ele já tinha vindo a Santa Helena, o certo é que ele chegou aqui às 7 horas alojou-se na casa de João Gabriel, mas já tinha todo mundo saído daqui, mas em cima da igreja achou Luiz Rodrigues, Moisés Lauriano, Joaquim Estevão, zé Teotônio, eram quatro armados e atiravam da torre da igreja e pelo meio da rua saia tiro também, saiu um que matou Antônio Correia, irmão de Firmo Correia, Zequinha Correia, dizem quem matou foi Zeu da Fogueira.

Em 27 juntou-se mais Lampião, Sabino era cangaceiro igual a ele, Marcilon era do Bachio, Jararaca, Coquete e muitos outros e um menino com 20 anos que era valente, chamava "menino de ouro", e o certo é que a polícia cercava ele e ele desaparecia, cercava, brigava, foi muitos anos, foi de 21 a 38. Ele não era malvado não, ele não dava no povo, atirar ele atirava, porque nessa viagem daqui ele primeiro veio e atacou aqui em maio, agora com treze dias, ele passou e foi pro Canadá, ele pegou Zé Fernandes que estava tirando leite, levou ele como refém e guia, depois ele passou umas três horas aqui foram pra Marcelino Vieira, neste caminho encontraram com muitos soldados armados, houve muito tiro, mataram um cangaceiro e les mataram um soldado. Foram pra Mossoró."

Entrevista concedida no dia 20-01-1994

Josefa Augusta Fernandes, 96 anos, nasceu no sítio Arrojado, Belém (hoje Uiraúna).

“Lampião veio a procura do Vaquejador, lá chegou, na casa de Manoel Chiquinho, meu irmão, ele chegando lá, os meninos correram e se esconderam, Manoel disse eu não saio daqui que estou em minha casa, não devo a ninguém e da minha casa não saio, quando chegou ele atacou e disse - bota o dinheiro pra fora velho- Manoel disse que não tinha. Lampião disse - você tem, quero dinheiro e quero as armas de fogo que você tem, rifle, espingarda - Manoel continuou dizendo que não tinha, o capanga dele de fora atirou e matou Manoel.

Eles vinheram embora, a procura de Uiraúna, às 7 horas eu estava aqui (Arrojado) rezando, tirando um terço mais Bastião, eu vi baterem na porta, era Márcio pra dizer que Lampião vem chegando no Uiraúna, com pouco tempo começou o tiroteio, daqui se ouvia bala, às vezes eu dizia a Israel que ouvia o barulho das balas passando por cima da casa e ele não acreditava, no ano passado ele achou as balas aqui atrás cravada na parede. Chico Marcelino nesse tempo só tinha Francisca, Severino era novinho, aí eu disse, Chico leva Francisca que eu levo Severino e Márcio leva as redes dos meninos, a gente veio se esconder aqui atrás da casa, pouco mais chegou Antônio Chaga com a família. Tio João Batista, meu sogro, tinha uma oiticica bem grande, onde foi armada a rede. Quando foi de madrugada Antônio Chaga disse que ia a rua, tio João disse pra ele não ir, podia cor-

rer perigo, ele respondeu - eu vou tomando chegada que quando eu ver que posso entrar, se não eu volto. Antes do dia amanhecer ele chegou dizendo que estava tudo em paz, Lampião atirava da casa de João Gabriel, mataram um porco, tocaram fogo no chiqueiro, no curral e no armazém que João Gabriel tinha. Eles não aguentaram ficar no Uiraúna porque botaram piquete em cada beco, quando terminou Antônio Correia ficou baliado e morreu, era negociante irmão de Zequinha, marido de Jeaninha.

Lampião foi pro Canadá, as meninas entraram dentro d'água Ursula e Belinha, escaparam por um milagre, eles gritaram que iam atirar. Nesse tempo o povo não sossegava, quando via era o povo gritando e se escondendo nos matos, era um tempo muito agitado.⁵⁵

Entrevista concedida no dia 21-01-94

Sinforoza Claudino de Galiza, 72 anos, nasceu em Belém (hoje Uiraúna).

" Estávamos na Caiçara, meu pai tinha uma fazenda lá, e todos os anos ele fazia vaquejada, então em 27 foi o acontecido de Lampião, no dia da vaquejada Lampião chegou gritando para soltar o gado do curral, se não ele matava tudo, meu cunhado foi abrir a porteira. Corremos para casa do meu vizinho que tinha uma velha de lá corremos pro mato, Lampião gritou: pode sair que eu vi vocês aí, a velhinha não pôde nos acompanhar, eles entraram na casa e tomaram conta da velhinha, derra uma surra nela, arrancaram o córdão de ouro que ela tinha no pescoço, e as alianças. Chegou o filho da velhinha e disse: Porque estão fazendo isso com mamãe? Lampião disse: Você vai ver o que vou fazer com você, venha cá. Eles pegaram o pebre do rapaz amarraram as mãos dele no rabo do animal e correram, o rapaz gritava para o soltarem. Perto do vaquejador eles soltaram.

Chegando na entrada de Uiraúna, eles tocaram fogo no algodão. Aqui já tinha piquete formado, eles tinham medo de piquete, os moradores começaram a atirar, e ele disse: eu não vou entrar aí, eu tenho medo daquele fogo.

O povo ia se escondendo, Zéu se atirou dentro do cacim-bão (poço) que João Caboclo tinha, quase morria, precisou correr gente pra tirar ele de lá.

Ao ser repellido pelo piquete, Lampião desceu para o Rio do Peixe, no caminho fez um queima danado. Eu não sei como eles chegaram no Canadá.

Lampião na hora da aflição tinha uma oração que resava e dizia que era a sua guia. Ele era todo enfeitado, os homens dele era todo armado com rifle, revólver e facas.”

EIS a transição:
Na tarde do dia 4 do corrente, correu célebre a notícia de que Lampião com os seus asseclas acantonara-se em Barbalha, de passagem para o Juazeiro.

As notícias trazidas pelos visitantes, não eram de todo alarmantes: os bandoleiros comportaram-se bem em Barbalha, tendo Lampião à saída da cidade, se dirigido de loja em loja, de bodega em bodega, indagando se alguns dos seus rapazes haviam comprado mercadoria fiada. Onde o fato se verificou, Lampião pagou generosamente o débito.

Estes acontecimentos verificados exatamente à hora em que as informações oficiais do governo de Pernambuco e de toda a imprensa do Nordeste davam o célebre facinoroso como morto em combate com a polícia pernambucana, deixaram nas populações do Cariri, um misto de estupefações e terror.

A proporção, porém, que os fatos se esclareciam, desaparecido o pânico da incuria dos facinorosos em nosso meio, por se positivarem os intuitos pacíficos, a curiosidade substituiu as impressões, guiando o povo, em verdadeira romaria, à casa onde se hospedara Lampião.

EM JUAZEIRO

Os bandoleiros chegaram nesta cidade, via Barbalha, na tarde do dia 4 do corrente, acantonando-se nas medições da fazenda do deputado morto Barbalho, às 19 horas da noite quando se transportaram ao centro da cidade, hospedando-se em casa de um dos tipos mais "suígeneris" do Juazeiro, o poeta popular João Mendes de Oliveira, que se intitula jocosamente "historiador brasileiro" e negociante.

O BANDO SINISTRO

Compõe-se este de quarenta e nove homens e o famoso facinoroso, perfazendo um total exato de 50 bandoleiros. Estes estão muito bem armados e municiados: vestem, na maioria, brim kiki, alpercata de rabiço, chapéu de couro "quebrado" e lenças de cores diversas, predominando verde e castanho, amarrados no pescoço. O armamento é rifle e fuzil mautser, revólver e punhal; à cintura trazem três a quatro cartucheiros acondicionados heias, cada homem, um total de quatrocentas balas.

A maioria dos bandidos é de origem pernambucana, dos municípios de Vila Bela, Triunfo, Floresta e Pajeú de Flores: surgiram deste recanto dos sertões nordestinos, banhado por aquele famigerado afluenso do Rio São Francisco - o riacho do Navio - lendário ao conselho popular pela valentia pródiga dos seus habitantes dentre os quais se tem apontado os mais perigosos cangaceiros do norte!

A exceção de três, "Xumbinho", Mariano e outro de que não nos recordamos o nome, de origem vibroca, todos são indivíduos de boa aparência, de cor branca, de 18 a trinta anos de idade, outros dez tostada pelo sol, alguns carrancudos, outros são afáveis. Um deles, Manoel Gaio, rapaz de vinte e dois anos, alto, competição de Hércules, com quase dois metros de altura, lembra nos traços físicos um típico descendente de holandeses tão comuns nos Estados do norte, onde o Príncipe Maurício de Nassau implantou o domínio nos idos coloniais. Todos são solteiros, apenas dois casados.

Falam do "ofício" com entusiasmo e narram com palavras jocosas as principais façanhas praticadas.

Nenhum se confessa arrependido da vida costumeira, elogiam-na todos porque a "profissão é boa".

LAMPIÃO

Encontramo-lo, à primeira vista, adiante algumas casas da entrada em que se acotava o grosso de sua gente. Era o casarão de seu irmão semelhante a todos os casarões de Juazeiro, habitado por elementos do povo.

À porta, estacionava uma multidão enorme procurando ver Lampião, o homem que se refere de igual para igual aos governos de Estados federados do Brasil, introduzidos na casa por alguém das relações do bandido, rompemos cami-

A UNIAO publica hoje uma entrevista concedida por Lampião a casa do poeta popular João Mendes de Oliveira, no Juazeiro, março de 1926. É autor da célebre entrevista o médico e jornalista do Crato, Dr. Otacílio Macêdo (já falecido). O texto que se segue publicado, na época, em duas edições sucessivas do jornal O Ceará qual era o Dr. Otacílio Macêdo um dos colaboradores.



Uma Entrevista de LAMPIÃO



José Fernandes Sobrinho - Refém de Lamião
em maio de 1927, na sua passagem por Belém.



OS CARAVANEIROS QUE PESEGUIRAM LAMPIÃO PARA REAVEREM D. MARIA JOSÉ LOPES (ao Centro - sentada), ao seu lado esquerdo em pé - Manoel Gonçalves de Abrantes, Luiz Gonzaga da Silveira, João Gomes, João Mantença, José Fernandes, Sebastião Grande, Antônio Batista, Antônio e Joaquim Saldanha, Adolfo F. Maia e Francisco Belo. - 1927.

A MOAGEM

Ao longe avista-se tufo escuro de fumaça, subindo em uma dança macabra com as labaredas - aos céus, querendo tocar-lhe a abóbada com línguas de fogo erguidas do inferno ardente - a fornalha do engenho da Varzea de Cima que impiedosamente devora a lenha crepitante e bagaços de cana moída.

Aos olhos dos menos avizados, parece queima nas matas, devastando as caatingas; mas, aos olhos dos habitantes do lugarejo, e da região, nada mais simples e rotineiro do que a moagem da cana de açúcar.

Em um pavilhão, quatro bois aos pares puxam enormes manjarras de madeira, locomovendo moendas peizadas que esmagam feixes de cana, separando-lhes o bagaço e a gaxapa que ao cair - escorre canalizada ao paiol num segundo pavilhão, misturando-se a cal para a purificação. Do paiol é retirada para um tacho que arde a boca de fogo, aquecida pelas chamas da fornalha ardente, entrando em ebulição. Após percorrer seis tachos idênticos, retirada as impurezas, a garapa transforma-se em mel, que o mestre ao dar-lhe o ponto leva-o à gamela, onde o caxeador com enormes pás de madeira - após mexê-lo para que solidifique-se, preenche formas de madeira transformando no produto almejado - a raspadura.

Na fazenda Congórdia, distante oitocentos metros da fazenda Varzea de Cima, um homem chega a cavalo - batendo palmas.

- Ó de casa!... O coroné istá?

De dentro de casa, a esposa do dono da fazenda, que passava gomas afins feitos no dia anterior, indaga:

- Ó de foral!... Quem é?

Portador de Boa Esperança, donai!

A mando de quem?!

- Do sinhôr Joaquim Nonato! Mataram Feliciano... hoje de manhã!



Cabras de Lampeão com os refens: D. Maria José Lopes, e o Cel. Antônio Gurgel, de Apodi (RGN).

NOTÍCIAS DOS JORNAIS

3-07-1927

LAMPEÃO E O SEU BANDO – Interessante entrevista concedida ao O MOSSOROENSE por uma ex-prisioneira do celerado bandido do Nordeste – Uma velha de mais de 60 anos acompanha durante 16 dias a marcha dos bandoleiros – Episódios – Combates – Perseguições pelas forças da polícia – Fugas dos bandidos, etc, etc.

Logo que tivemos ciência da estadia nesta cidade, da sra. d. Maria José Lopes, esposa do Cel. José Lopes, rico fazendeiro residente no sítio Aroeiras, do município de Luiz Gomes, ex-prisioneira da nefasta quadrilha de Lampeão e seus asseclas, destacamos um dos nossos companheiros com o fim de entrevistá-la, o qual foi recebido atenciosamente pela mesma, que prontificou-se a fazer a narrativa do que presenciou e sofreu durante os 16 dias de constante desassosiego que passou como "refém" da quadrilha sinistra.

E assim damos a seguir a entrevista que nos foi concedida por d. Maria José Lopes:

– Em que dia foi aprisionada?

– O bando aprisionou-me pelas 11 horas do dia 10 de junho (sexta-feira), no sítio de minha propriedade, denominado "Aroeira", do município de Luiz Gomes. Logo aí os bandidos cometeram as maiores depredações, maltrataram-me, bem assim pessoas de minha família, quebrando toda mobília da casa, queimando alguns utensílios e conduzindo ainda pequenos objetos.

– E a que horas saiu o grupo de sua casa, e qual o rumo que tomava?

BIBLIOGRAFIA

BATISTA, Abraão. Imaginária de Lampião sobre seus leitores e admiradores. 1ª ed. Cordel. Juazeiro do Norte. 1991.

FACÓ, Rui. Cangaceiros e Fanáticos. 6ª ed. Rio de Janeiro: Edições UFC, Civilizações Brasileira, 1980.

GADELHA, José Abrantes. Sangue, Terra e Pó. Sousa: A União. 1983.

JANOTTI, Maria de Lourdes M. O Coronelismo Uma Política de compromisso. Coleção tudo é História. São Paulo: Brasiliense. 1987.

Jornal Leitura: O Cangaço na Literatura Oral. São Paulo: Publicação Cultural da Imprensa do Estado S.A. IMESP. 1981.

THOMPSON, Paul. A voz do Passado. História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1992.

GLOSSÁRIO

agregado: Lavrador pobre estabelecido em terras alheias mediante certas condições; morador.

antropologia: Ciência que reúne várias disciplinas cujas finalidades comuns são descrever o homem e analisá-lo com base nas características biológicas e culturais dos grupos em que se distribui, dando ênfase, através das épocas, às diferenças e variações entre esses grupos.

atacar: Acometer com ímpeto; investir; agredir; assaltar.

bandido: Salteador; malfeitor; facínora.

banditismo: Ação de bandido; vida de bandido.

bando: Quadrilha de malfeitor.

cangaceiro: Bandido do sertão nordestino, que anda sempre fortemente armado; bandoleiro; cabra.

consenso: Conformidade; acordo ou concordância de idéias, de opi-

niões.

estratégia: Arte de explorar condições favoráveis com o fim de alcançar objetivos específicos.

piquete: Grupo de pessoas que se posta à entrada da cidade para impedir entrada de outras.

poço: Grande burraco, geralmente circular e murado, cavado na terra, para acumular água.

repelido: Impelido para longe, posto fora; expulso; não aceito; não ademitido.